

MARIADITA
JAGUARIÚNA

**REGULARIZAÇÃO DE IMÓVEIS
URBANOS E RURAIS**

- HABITE-SE (19) 99215-4852
- INSTITUIÇÃO DE CONDOMÍNIO (19) 99184-6967
- CAR - CCIR - INCRA

Dr. Caius Godoy (Dr. da Roça) agora aqui todas as semanas



Aos que ainda não me conhecem, meu nome é Caius Godoy, advogado e administrador de empresas com atuação exclusiva no agronegócio. De uma família de produtores rurais do interior de São Paulo, a querida Duartina, tento através do meu trabalho levar informações para dentro da porteira, sendo elas envolvendo o Direito, ou não. Hoje tenho escritório nas cidades de Campinas e Jaguariúna e com muito orgulho sou conhecido e chamado carinhosamente pelos meus amigos e clientes, como o Dr. da Roça. Espero que gostem da minha coluna semanalmente falando sobre o mundo agro e agradeço pela oportunidade do Grupo O Regional de comunicação.

E como sempre finalizo, tchaaau obrigado!!

Agricultor substitui Cloreto de Potássio importado por fertilizante sustentável brasileiro



A guerra entre Rússia e Ucrânia fez os custos dos fertilizantes dispararem no mercado internacional e assustou agricultores brasileiros, altamente dependentes do Cloreto de Potássio (KCL) produzido na Rússia, Bielorrússia e Canadá. Esse cenário fez o agricultor Lucas Stracci buscar alternativas nacionais e altamente tecnológicas para o manejo da Fazenda Ana Terra, em São Desidério, na Bahia.

"Não queríamos mais tanta dependência pelo KCL importado, e vi que havia no Brasil um produto superior que oferecia ganhos para a lavoura e não impactava negativamente o solo", conta Stracci.

O agricultor cultiva soja e milho, além de pecuária, em 3,5 mil hectares. Ao escolher o fertilizante produzido em Minas Gerais, pela empresa de tecnologia agrícola Verde Agritech, Stracci afirma ter conseguido uma redução de 12% nos custos de produção.

"Os produtos tecnológicos são aliados da agricultura nos dias atuais, e poder contar com um fertilizante multinutriente, incluindo o enxofre elementar, como o BAKS®, fez toda a diferença", afirma Stracci, que comanda o grupo que tem quase 40 anos de experiência agropecuária.

Desenvolvido a partir de tecnologias proprietárias, o fertilizante BAKS® pode ser personalizado de acordo com a necessidade de cada lavoura. Ele pode combinar nutrientes como potássio, nitrogênio, fósforo, enxofre elementar, boro, cobre, zinco e manganês. Os fertilizantes da Verde Agritech já contribuíram para a produção de alimentos em mais de 1,4 milhão de hectares, sendo recomendado para mais de 30 culturas diferentes.

"Além da qualidade do produto, um diferencial foi a entrega em Big Bag, facilitando o armazenamento na fazenda. Como o volume é grande, à granel não ficaria interessante porque teria que deixar no campo", destaca Lucas.

Para facilitar a logística de entrega do fertilizante produzido em Minas Gerais, a Verde Agri-

tech conseguiu autorização da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) para construir um ramal ferroviário. O projeto prevê interligar as fábricas da empresa, em São Gotardo e Matutina, até a cidade de Ibiá, no Triângulo Mineiro. Por meio da Ferrovia Centro Atlântica (FCA), será possível transportar o fertilizante para as principais regiões agrícolas do país, reduzindo a pegada de carbono da empresa e dos agricultores.

Captura de carbono

Um estudo recente, realizado por um dos mais importantes especialistas em solos da Europa comprovou que cada tonelada do fertilizante K Forte®, fonte de potássio para o Baks, pode capturar até 120 quilos de CO2 da atmosfera, gás causador do efeito estufa. Os créditos gerados por esta captura já estão sendo negociados pela Verde Agritech.

"Além de revolucionar o manejo do solo, com ganhos de qualidade biológica que levam a melhor produtividade, nosso fertilizante também torna a operação mais sustentável, com captura de carbono", reforça Cristiano Veloso, fundador e CEO da Verde Agritech.

Microrganismos

A Verde Agritech também produz atualmente o K Forte® e Mondé. O K Forte® foi o primeiro fertilizante aditivado com microrganismos no mundo, tendo recebido, com autorização do Ministério da Agricultura, o 'Bacillus aryabhatai', microrganismo que os agricultores já conhecem por seus benefícios à lavoura. Este avanço foi possível por causa da tecnologia Bio Revolution, desenvolvida a partir de pesquisas feitas pela Verde Agritech em parceria com universidades federais de Minas Gerais (UFMG), Mato Grosso (MT) e de São Carlos (Ufscar).

Já o Mondé conta com 25% de silício, com granulometria ultrafina. Também através de tecnologias exclusivas ele permite a aplicação mais uniforme, garantindo a disponibilidade do nutriente para todas as plantas.

Dificuldades na sucessão familiar: Desafios que moldam o futuro das empresas

A transição de liderança em empresas familiares, conhecida como sucessão familiar, é um processo crucial que afeta não apenas a continuidade dos negócios, mas também as relações pessoais e a identidade da empresa. Apesar de ser uma prática comum, a sucessão enfrenta diversas dificuldades que podem impactar o sucesso e a sustentabilidade dessas organizações.

Um dos desafios mais evidentes na sucessão familiar é a gestão das emoções e expectativas. O envolvimento pessoal e afetivo dos membros da família na empresa pode criar um terreno fértil para conflitos emocionais. As rivalidades e tensões familiares muitas vezes se entrelaçam com as decisões de negócios, tornando difícil separar o profissional do pessoal. Essa complexidade emocional pode resultar em desafios adicionais na identificação de um sucessor adequado e na transição tranquila de poder.

Outra dificuldade significativa reside na falta de planejamento. Muitas empresas familiares adiam a discussão sobre a sucessão, esperando para resolver a questão quando a necessidade é iminente. Essa procrastinação pode levar à ausência de um plano estruturado, o que pode resultar em disputas internas e instabilidade nos negócios. O sucesso da sucessão está diretamente relacionado à antecedência com que as famílias começam a abordar o tema e a preparação cuidadosa para a transição.

A resistência à mudança é mais um obstáculo enfrentado por empresas familiares durante o processo de sucessão. Muitas vezes, fundadores ou líderes mais antigos têm dificuldade em se afastar do controle, mesmo que saibam que a transição é inevitável. A relutância em aceitar novas ideias e abordagens pode levar a uma estagnação nos negócios, prejudicando a capacidade da empresa de se adaptar às demandas do mercado.

A falta de profissionalização é uma dificuldade recorrente em sucessões familiares. A transição muitas vezes é prejudicada pela ausência de critérios objetivos na seleção de sucessores. Optar por membros da família com base apenas em laços consanguíneos, em detrimento das habilidades e competências necessárias, pode comprometer a eficiência operacional e a inovação da empresa.

Além disso, a sucessão familiar frequentemente enfrenta a falta de comunicação efetiva. A transparência na comunicação é essencial para mitigar mal-entendidos e garantir que todos os membros da família estejam alinhados com os objetivos e planos de sucessão. A ausência de canais abertos de diálogo pode levar a ressentimentos e divisões que prejudicam não apenas a empresa, mas também os laços familiares.

Apesar dessas dificuldades, é importante destacar que a sucessão familiar bem-sucedida não é impossível. Empresas que enfrentam esses desafios de frente, investindo tempo em planejamento, promovendo a comunicação aberta e buscando orientação profissional, têm maior probabilidade de superar as adversidades.

O sucesso na sucessão familiar não é apenas sobre a transferência de propriedade, mas sobre a continuidade dos valores, cultura e legado da empresa. Ao enfrentar as dificuldades com determinação e uma abordagem estratégica, as empresas familiares podem garantir uma transição suave e assegurar a prosperidade contínua através das gerações. A superação desses desafios não apenas sustenta os negócios, mas também preserva os vínculos familiares que são o cerne dessas organizações únicas e multifacetadas.

Dr. Caius Godoy (Dr. Da Roça), Advogado e Presidente da Comissão de Agronegócios e Assuntos Agrários da OAB Jaguariúna.

e-mail: caius.godoy@adv.oabsp.org.br

Sabor, composição e preço: cada vez mais os alimentos plant based são preteridos em relação à proteína animal

Os produtos plant based – alimentos à base de vegetais ou cultivados em laboratório utilizados principalmente em substituição às proteínas de origem animal – enfrentam cada vez mais desafios para atrair os consumidores, com sensível queda na demanda, atribuída em grande parte às preocupações dos consumidores com o sabor, a composição nutricional e o preço. Essa realidade foi comprovada em estudo produzido pelo Mintel Group, empresa britânica de pesquisa de mercado com relevância global.

De acordo com a pesquisa, as vendas de produtos plant based – que atingiram o auge em 2020 – tem diminuído desde então, à medida que os consumidores estão abandonando a categoria em busca de opções mais nutritivas. A Mintel revelou que 48% dos consumidores consideram o sabor como uma importante preocupação, 35% acreditam que a carne animal é uma melhor fonte

de nutrientes e 34% acham os produtos à base de plantas muito caros.

Alguns adeptos de alimentos plant based, cujo marketing prometia a replicação do sabor e da textura da carne, estão revendo suas escolhas e retornando para uma dieta com opções mais tradicionais e nutritivas, como a proteína bovina. Há dados que evidenciam isso. Conforme a Mintel, o número de pessoas com dieta reduzida de carne caiu de 21% para 18%, de 2022 para 2023. A categoria dos flexitarianos passou de 10% para 8% no período.

Nesse cenário, a questão nutricional é central. A proteína animal é uma fonte superior de nutrientes em comparação aos produtos à base de plantas. E os consumidores frequentemente expressam dúvidas sobre a qualidade desses produtos, como indica a pesquisa. A carne vermelha é uma fonte de nutrientes essenciais para a

saúde humana, como proteínas de alta qualidade, cálcio, zinco, vitamina B12 e selênio.

A carne Nelore, por exemplo – que conta com 80% do rebanho bovino nacional, estimado pelo IBGE em mais de 234 milhões de cabeças – também desempenha papel essencial na prevenção da anemia por deficiência de ferro, o que ajuda a prevenir doenças e a cuidar melhor da saúde das pessoas de todas idades, gêneros e classes sociais – aliás, de forma muito mais acessível.

A carne bovina é parte valiosa da nossa cultura alimentar. Além disso, a produção de proteína vermelha é parte vital da nossa economia, proporcionando emprego e renda para milhões de pessoas. Além de muito saborosa.

Victor Paulo Silva Miranda, presidente da Associação dos Criadores de Nelore do Brasil (ACNB).

Nabih Amin El Aouar, vice-presidente da ACNB.

Ácido tolfenâmico reduz taxa de mortalidade de leitões ao nascimento, aponta estudo internacional



Quando administrado às porcas e marrãs no pós-parto, o anti-inflamatório não esteroideal (AINE) atenua a dor, aumenta o conforto e melhora o comportamento

materno – levando à melhor receptividade na amamentação

Estudo internacional publicado no 13º Simpósio Europeu de Gestão da Saúde Suína, em Budapeste (Hungria), destacou as ações positivas do anti-inflamatório não esteroideal (AINE) da Vetoquinol à base de ácido tolfenâmico no bem-estar de porcas e marrãs no pós-parto. Os resultados são igualmente favoráveis para a saúde e a nutrição dos leitões. Na comparação entre um grupo tratado com o ácido e um grupo controle, houve significativa diferença em peso médio ao desmame, ganho de peso médio diário, mortalidade após o segundo dia de nascimento e desmame, além de aumento significativo na imunidade dos animais.

O primeiro resultado expressivo foi o ganho no peso médio ao desmame: de 814 gramas. A taxa de mortalidade no segundo dia pós-nascimento e no desmame também tiveram redução: de 6% para quase 2% e de 12% para 6%, respectivamente. Outro ponto positivo foi o aumento considerável na imunidade dos leitões de marrãs tratadas com o anti-inflamatório.

Os experimentos com Tolfedine® CS, da Vetoquinol, foram conduzidos em instalações modernas na Espanha. As fêmeas suínas recém-paridas receberam uma única injeção de dois miligramas por quilo de peso corporal nas 12 horas pós-parto. Foram obtidos desempenhos zootécnicos bem distintos – o que impacta diretamente na lucratividade do negócio e no sucesso da reprodução do plantel.

“A Vetoquinol oferece aos suinocultores um medicamento eficaz, que proporciona alívio à dor das porcas e marrãs recém-paridas. Tolfedine® CS é um AINE que colabora enormemente para o aumento de produtividade dos leitões já nos primeiros dias de vida. Então, combinamos conforto e bem-estar à lucratividade do negócio”, destaca Guilherme Moura, gerente técnico de animais de produção da Vetoquinol.

Solução utilizada no estudo apresentado no evento na Hungria, Tolfedine® CS, princípio ativo exclusivo da Vetoquinol no Brasil, é um AINE de longa e rápida ação antipirética (reduz temperatura corporal), analgésica (atuando na dor) e anti-inflamatória (atuando diretamente no problema). “São 90 anos de contribuição para gerar saúde aos animais e alimentos seguros à população mundial por meio de soluções sanitárias modernas”, finaliza Moura.

Sobre a Vetoquinol Saúde Animal

A Vetoquinol Saúde Animal está entre as 10 maiores indústrias de saúde animal do mundo, com presença na União Europeia, Américas e região Ásia-Pacífico. Com expertise global conquistada ao longo de 90 anos de atuação – celebrados em 2023 – a empresa também cresce no Brasil, onde expande suas atividades há 12 anos, desde 2011. Grupo independente, a Vetoquinol projeta, desenvolve e comercializa medicamentos veterinários e suplementos destinados à produção animal (bovinos e suínos), animais de companhia (cães e gatos) e equinos. Desde sua fundação, em 1933, na França, combina inovação com diversificação geográfica. O crescimento do grupo é impulsionado pelo reforço do seu portfólio de soluções associado a aquisições em mercados de alto potencial de crescimento, como a brasileira Clarion Biociências, incorporada em 2019. No Brasil, a Vetoquinol tem sede administrativa em São Paulo (SP) e planta fabril em Aparecida de Goiânia (GO), atendendo todo o território nacional. Em termos globais, gera mais de 2,5 mil empregos e está listada na bolsa de valores Euronext Paris desde 2006 (com o símbolo VETO). Para mais informações, contate o Serviço de Atendimento ao Consumidor (SAC) formado por profissionais da área veterinária para auxílio aos clientes. A ligação é gratuita: 0800 741 1005. Ou acesse www.vetoquinol.com.br.

Empresas do agro investem em fertilizantes sustentáveis

Empreendimento tem como sócios Amaggi, Coopercitrus, Souza e Lucas Participações, Viola Participações e Tecno Beef. Processo foi submetido para análise do CADE.

O potencial do agronegócio brasileiro, a forte dependência dos fertilizantes químicos importados, a possibilidade de entregar ao mercado produtos competitivos do ponto de vista socioambiental que entregam resultados efetivos e o necessário aumento da produtividade da agricultura – essencial para atender à crescente população mundial – juntam importantes players com sinergia e alinhamento para um propósito inovador.

Amaggi, Coopercitrus, Souza e Lucas Participações, Viola Participações e Tecno Beef estão criando uma empresa de fertilizantes sustentáveis,

que cuida da vida do solo para transformar vidas humanas e contribuir para alimentar o futuro. Sua missão é oferecer uma alternativa inovadora e responsável, alinhada a valores fundamentais. Com fertilizantes organominerais, será cultivada uma agricultura sustentável. Com práticas responsáveis, será promovido um futuro produtivo, preservando a conexão vital com o meio ambiente. Com parcerias duradouras, trilha um caminho que conecta e beneficia a todos.

Em sintonia com a linguagem da terra, a empresa soma sustentabilidade e tecnologia para criar soluções que redefinem horizontes e fomentam transformações, construindo um legado de harmonia para as gerações futuras. Por meio da tecnologia, se propõe a buscar eficiência, otimiz-

ção e produtividade para atender os agricultores. É investir em pesquisa e inovação para contribuir para a saúde da terra.

Soja, milho, cana, citros e café estão entre as principais culturas-alvo da empresa, que colocará no mercado uma gama de soluções para diversas outras culturas.

A primeira unidade industrial será instalada no município de Altair (SP), fortalecendo a economia local com geração de emprego e renda, e na primeira fase estima-se a geração de cerca de 150 empregos diretos. O plano é produzir 200 mil toneladas de fertilizantes sustentáveis no primeiro ano.

O projeto foi submetido à aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE).

Peixe BR questiona Ministério da Agricultura e Pecuária e Ministério da Pesca e Aquicultura sobre riscos e custos da importação de tilápia do Vietnã

Um lote de tilápia importada do Vietnã chegou ao Brasil em dezembro de 2023, causando muita preocupação à Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR) e à cadeia da produção de peixes de cultivo como um todo.

“Não temos informações se o lote passou por todas as análises de riscos sanitários, de maneira a garantir sua segurança para consumo. Da mesma forma, não conhecemos o processo de criação e de processamento da tilápia no Vietnã, o que também consideramos preocupante”, ressalta Francisco Medeiros, presidente da Peixe BR.

“Também temos muitas dúvidas sobre o custo da importação, tendo em vista que os valores

pagos são inferiores ao custo de produção no Brasil. Isso é dumping”, assinala o dirigente.

“Além disso, a importação em si causa muita estranheza, já que o Brasil é o quarto maior produtor mundial de tilápia, cultiva a espécie seguindo os mais rígidos critérios de boas práticas – incluindo alimentação balanceada e controle sanitário. A tilápia brasileira prima pela qualidade e é, sem dúvida, uma das melhores do mundo. E a oferta interna cresce ano após ano”, complementa Medeiros.

O presidente executivo da Peixe BR também questiona a importação, considerando o desenvolvimento e a importância econômica e social da cadeia da produção de tilápia no

Brasil. “A piscicultura brasileira é uma atividade em expansão, que reúne mais de 1 milhão de produtores – sendo a expressiva maioria de pequenos – e gera igualmente cerca de 1 milhão de empregos. A representatividade social da atividade é gigantesca. A importação pode comprometer a própria sobrevivência de pequenos piscicultores”.

A Peixe BR está em contato permanente com o Ministério da Pesca e Aquicultura, o Ministério da Agricultura e Pecuária e o Ministério do Trabalho e do Emprego para saber se foram realizadas todas as análises de risco sanitário necessárias e entender os motivos da importação.

Casa Branca Agropastoril é Melhor Expositor, Segundo Melhor Criador e Supremo no Ranking Nacional da Raça Nelore

“Foi um ano de extrema valorização da genética Nelore da Casa Branca. Além da comercialização de animais que multiplicam as características econômicas mais desejadas – fertilidade, precocidade e carcaça –, contribuindo para o contínuo aumento da produtividade e eficiência da pecuária brasileira, tivemos resultados excelentes nas exposições mais importantes, culminando com a premiação no Ranking Nacional como Melhor Expositor, Segundo Melhor Criador, Supremo e Melhor Novo Criador, além de Melhor Expositor do Ranking de Minas Ge-

rais”, avalia Fabiana Marques Borrelli, diretora da Casa Branca.

“Nosso propósito é contribuir para o sucesso da pecuária brasileira, um gigante na produção de carne bovina. Em 2023, nosso país exportou cerca de 2,5 milhões de toneladas para mais de 150 países. A Casa Branca é um polo de multiplicação da genética de qualidade, proporcionando mais animais jovens, de boa formação e carcaça, com carne de padrão superior para atender à demanda global que cresce ano após ano”, ressalta Fabiana Marques Borrelli.



Recebimento de cacau cresce em 2023 e é 7% maior que o do ano anterior

O ano de 2023 registrou crescimento de 7% no volume recebido de amêndoas nacionais, pela indústria processadora de cacau. Foram 220 mil toneladas recebidas no período, em contraste com as 205 mil toneladas recebidas em 2022, de acordo com os dados compilados pelo SindiDados – Campos Consultores e divulgados pela Associação Nacional das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC). “nos últimos anos tivemos um crescimento constante da produção de amêndoas de cacau no Brasil, reflexo dos diversos investimentos que estão sendo realizados por diferentes atores da cadeia, com foco na melhoria da produtividade e nas novas áreas produtivas”, explica a presidente-executiva da AIPC, Anna Paula Losi.

Na comparação do volume de recebimento do quarto trimestre, ou seja, do período de outubro a dezembro de 2023, com o volume de recebimento do terceiro trimestre do mesmo ano, houve uma queda de 17,6%, passando de 69 mil toneladas para 57 mil toneladas.

Já a industrialização de cacau no País, em 2023, teve um crescimento de 12%, frente aos números de 2022, o melhor número dos últimos cinco anos, alcançando o volume de mais de 253 mil toneladas de amêndoas de cacau. Anna Paula afirma que “esses números comprovam o fortalecimento da cadeia produtiva, temos um maior volume de amêndoas sendo produzidas pelo País e, consequentemente, a indústria consegue ampliar sua produção”.

As exportações de derivados, que atendem principalmente os mercados da Argentina, Estados Unidos e Chile, nessa ordem, mantiveram-se praticamente estáveis em 2023, foram 47 mil toneladas no ano. Anna Paula explica que “o aquecimento do mercado interno, aliado a condições específicas no mercado internacional, fez com que o volume no ano não se alterasse relevantemente”.

Recebimento por estado

A Bahia foi responsável por 61,9% do volu-

me total de amêndoas nacionais recebidas pela indústria processadora em 2023, totalizando 136 mil toneladas. Em comparação com o ano anterior, quando o volume fornecido pelo estado foi de 139 mil toneladas, houve um recuo de aproximadamente 2,4%. O volume fornecido pelo estado é expressivo e positivo, especialmente quando consideradas as condições climáticas adversas dos últimos meses, em virtude do fenômeno El Niño.

O Pará, por sua vez, foi responsável por 33,7% do volume recebido, totalizando 74 mil toneladas, crescimento de 31,3% na comparação com o ano anterior, quando o recebimento foi de 56 mil toneladas. Espírito Santo (7.568 toneladas), Rondônia (1.888 toneladas) e outros estados (177 toneladas) foram responsáveis por 4,4% do volume total recebido no ano de 2023.

Análise do mercado internacional

Alan Lima e Leonardo Rossetti, do departamento de Mercado da StoneX, avaliam que, entre outubro e dezembro de 2023, as cotações dos futuros de cacau na Bolsa de Nova Iorque (ICE/US) registraram um avanço de 21,4%, fechando o ano em USD 4.162/ton, representando uma alta de 60% nos últimos 12 meses, após ter atingido, em dezembro, seus maiores valores na história na bolsa.

De acordo com Lima e Rossetti, a forte escalada de preços da amêndoa durante o período se deu principalmente devido a problemas com a sua oferta, com o resultado abaixo do esperado da safra 2022/23 – a qual, segundo dados revisados da Organização Internacional de Cacau (ICCO), teve um saldo negativo de 99 mil toneladas no balanço de O&D – e a perspectiva de um terceiro déficit consecutivo no saldo global, o que tem sido reforçado pelo desempenho negativo da safra 2023/24, cujas entregas semanais têm ficado abaixo da média dos últimos anos. “Desde o início da temporada, em outubro/23, até a primeira semana de 2024, na Costa do Marfim, maior país produtor

do mundo, foram registradas 873 mil toneladas de amêndoas de cacau entregues, 35% abaixo em relação ao mesmo período do ano passado, quando o país havia entregado 1,3 milhões”, explicam os analistas.

No Oeste Africano – principal região produtora de cacau – produtores locais relataram, no último ano, inundações nas lavouras, além da ocorrência de El Niño a partir do segundo semestre, fenômeno climático que tende a deixar o clima mais quente e seco na Costa do Marfim e Gana, os líderes globais na produção cacauera. Adicionalmente, os cacaueros na região têm passado por um processo de envelhecimento, o que contribui para limitar a produtividade em algumas áreas.

Assim, o desempenho das lavouras tem sido prejudicado, intensificando as pressões altistas sobre os preços globais da commodity, ao passo que a demanda continuou a se mostrar resiliente durante o período, apesar da forte inflação registrada nos Estados Unidos e Europa, os maiores mercados consumidores de cacau, conclui o time da StoneX.

Nova associada

A Indústria Brasileira de Cacau (IBC) é a mais nova associada da AIPC. A IBC, fundada em 2005 por Francisco Monteiro de Pinho e seu filho, Maurício Dati de Pinho, possui duas plantas industriais, uma em Rio das Pedras-SP e outra em Belém-PA. A chegada da IBC e a ampliação do número de associadas da AIPC fortalecem ainda mais a representação do setor, especialmente ao trazer o olhar de uma nova empresa para as discussões e ações que visam o desenvolvimento sustentável e a inovação na indústria cacauera brasileira. De acordo com Maurício, “a ideia é sempre somar, participar e fortalecer a cadeia do cacau como um todo. O Brasil tem a grande possibilidade de ser grande produtor de cacau nos próximos 10 anos, e a gente quer participar disso com diversidade, tecnologia e com a nossa força de trabalho e desenvolvimento”.